

Sobre as camadas sutis da paisagem: Valores e usos rituais da floresta da Serra da Estrela (Rio de Janeiro, Brasil)

Eduardo Pinheiro Antunes - Doutorando em Geografia - PUC-Rio

e.pinheiroantunes@gmail.com

Thomaz de La Rocque Amadeo - Graduando em Geografia e Meio Ambiente - PUC-Rio

thomaz_amadeo@hotmail.com

Linha temática: Imaginários da natureza e dos sistemas socioambientais na história

Resumo:

As paisagens contemporâneas são constituídas por diferentes camadas de tempo e guardam diversas marcas que resultam das relações estabelecidas entre grupos humanos e o que denominamos “natureza”. Tais marcas, para além de vestígios físicos, carregam consigo a dimensão simbólica da paisagem uma vez que a experiência humana na Terra é necessariamente mediada por valores e visões de mundo específicas a cada um dos grupos culturais.

Nesse sentido, no estudo de grupos religiosos, nota-se que muitas vezes é atribuída uma percepção sagrada ao natural, relacionando elementos físico-biológicos do meio à valores religiosos. A partir da cosmovisão de diferentes grupos culturais, as florestas recebem significados simbólicos distintos, o que faz com que elas tenham usos variados, sendo muitas vezes locais de cura, de comunhão de encontro com o divino e de rituais. As muitas práticas religiosas que se dão em florestas por diferentes grupos deixam legados impressos na paisagem como resultado da interação entre culturas e “natureza”.

A Serra da Estrela, situada no rio de Janeiro e coberta por florestas do bioma Mata Atlântica, é marcada por intensa relação entre grupos de diversas origens culturais e a floresta, principalmente a partir do século XVII. Desde o século XIV a serra é cortada pela estrada Normal da Estrela (atual RJ 107), que se tornou um importante eixo de expansão urbana na região provocando intensas transformações na paisagem.

Nesse contexto, o presente trabalho busca compreender a paisagem da Serra da Estrela como um “palimpsesto” composto por multi-temporalidades e por marcas físicas e simbólicas resultantes das práticas oriundas de variadas matrizes religiosas. A partir de tais premissas, buscamos entender a história de inserção dessas matrizes na Serra da Estrela ao longo do século XX bem como compreender como a cosmovisão desses grupos concebe e atua (n)a/com natureza/floresta.

Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica acerca do histórico de ocupação da região, e da história e cosmovisão das diversas matrizes religiosas/espirituais que lá já foram identificadas a partir de trabalhos de campo exploratórios (grupos neopentecostais, grupos umbandistas e candomblecistas, além de grupos de matriz xamânica-cristã). Ademais, foram

realizados levantamentos de vestígios físico-biológicos os quais indicam a conversão da floresta em espaços rituais ou sagrados. A partir das técnicas da história oral e “bola de neve” foi possível também travar diálogos com líderes e praticantes das diferentes religiões afim de compreender suas visões da floresta, suas práticas rituais e suas transformações da paisagem, e o uso de espécies consideradas sagradas.

A partir de tais métodos foi possível identificar alguns conflitos territoriais relativos ao caráter “superposto” de atividades religiosas e marcos legais como, por exemplo, o recém criado Refúgio da Vida Silvestre da Serra da Estrela. Na floresta foram observadas clareiras de diferentes tamanhos, acampamentos, oferendas, inscrições em árvores e blocos rochosos. Dentre os grupos levantados, já se sabe do valor sagrado de espécies como a Jaqueira e a Figueira (por parte das religiões de matriz africana) e do Jequitibá, do Ipê, do mariri e da chacrona (por parte da União do Vegetal).